

NARRATIVA DE AVENTURA:

VIAGEM ALUCINANTE

Mateus viajava sozinho, sentado perto da janela de um ônibus de viagem que cortava a estrada como uma flecha cansada. A mochila estava entre as pernas, os fones pendurados no pescoço, e a cabeça cheia de pensamentos soltos. Ele não tinha pressa, mas também não podia se dar ao luxo de perder aquele ônibus — era o último trecho até o destino final.

Depois de algumas horas, o motorista anunciou:

— Parada rápida no terminal da beira da estrada! Dez minutos! Banheiro, lanche, estiquem as pernas!

O ônibus parou rangendo. Mateus desceu junto com os outros passageiros, sentindo o cheiro de café requentado e pastel frito. Olhou o relógio. Dez minutos dava e sobrava.

— Banheiro primeiro, comida depois — murmurou.

Entrou no banheiro simples, de azulejos antigos. Fez o que precisava fazer, lavou as mãos, respirou fundo... e tentou abrir a porta.

Nada.

Tentou de novo.

— Não... não, não, não...

Girou a maçaneta, empurrou, puxou. Trancada. Do lado de fora.

— Ei! Tem alguém aí? — gritou.

Silêncio. O barulho distante de caminhões e vozes abafadas. O coração começou a acelerar.

— Só pode ser brincadeira...

Depois de alguns minutos de tentativa inútil, Mateus percebeu a pequena janela basculante no alto da parede. Subiu no vaso com cuidado, empurrou a janela com esforço e, depois de algumas manobras nada elegantes, conseguiu se espremer para fora, caindo no mato atrás do terminal. Ele se levantou, sujo e ofegante... e então ouviu o pior som possível.

O ronco do ônibus.

Mateus virou-se a tempo de ver o veículo se afastando, ganhando velocidade na estrada.

— EI! ESPERA! — saiu correndo, acenando os braços, a mochila quicando nas costas.

Correu o quanto pôde. Os pulmões queimavam. O ônibus, impassível, desapareceu numa curva. Mateus parou, dobrado, mãos nos joelhos.

— Não acredito... eu fiquei pra trás...

Olhou ao redor, desesperado. Terminal pequeno, estrada vazia... até que seus olhos encontraram uma cena inesperada: uma moça encostada numa moto, capacete no braço, observando tudo com curiosidade.

Mateus não pensou duas vezes. Correu até ela.

— Moça! Pelo amor de Deus, você viu aquele ônibus?

— Vi — respondeu ela, erguendo a sobrancelha. — Saiu agora há pouco.

— Eu preciso alcançar ele. É meu ônibus. Meu destino final é o mesmo. Você... você é mototaxista, né?

Ela olhou para a moto, depois para Mateus, avaliando a situação.

— Sou. Mas aquele ônibus anda rápido.

— Eu pago o que for. Só me leva atrás dele, por favor!

Ela hesitou.

— Não sei se essa moto tem potência pra isso tudo...

Mateus respirou fundo.

— Mesmo assim... tenta.

A moça colocou o capacete, subiu na moto e jogou outro para trás.

— Sobe logo. A gente tenta.

Mateus montou na garupa, segurando firme.

— Meu nome é Mateus, aliás.

— Depois você me conta — disse ela, ligando a moto.

— Segura!

A moto arrancou. O vento bateu no rosto de Mateus enquanto a estrada passava rápido sob eles. Alguns minutos depois, ao longe, o ônibus surgiu como um fantasma branco.

— Ali! — gritou Mateus. — A gente tá vendo ele!

— Ótimo — disse ela. — Conheço um atalho.

Sem esperar resposta, virou à direita, entrando numa estrada de terra cercada de mato fechado.

— Você sabe mesmo o que está fazendo?! — Mateus perguntou, apreensivo.

— Relaxa — respondeu ela. — Cresci por aqui. Conheço essa região desde criança.

Mas, de repente, a moto começou a falhar.

— Não... não agora... — murmurou ela.

O motor tossiu e perdeu força.

— Combustível — explicou, tensa. — Tá quase seco.

A moto parou de vez.

Mateus sentiu o desespero voltar.

— E agora?

Ela apontou para o lado. Um rio largo corria paralelo à estrada.

— O posto mais próximo fica na direção do ônibus. Se a gente pegar o rio, chega mais rápido... mas só de lancha.

Eles correram até a margem. Ali estava uma lancha simples, e um senhor velho, de chapéu de palha, mexendo no motor.

— Seu Zeca! — chamou a moça. — Preciso da sua ajuda agora!

O velho ergueu o olhar.

— Que pressa é essa, menina?

— Situação urgente. A gente precisa ir rio abaixo, rápido.

O velho analisou Mateus, depois assentiu.

— Sobe. Não temos tempo.

Os três embarcaram. O motor da lancha rugiu e ela disparou pelo rio, cortando a água com velocidade. O vento, os respingos, tudo parecia fora de controle.

De repente, o velho levou a mão ao peito.

— Acho que... — murmurou, antes de desmaiar.

— Senhor?! — Mateus gritou, apavorado.

— Calma! — disse a moça. — Eu sei o básico de pilotar uma lancha. Segura ele!

Ela assumiu o controle. A lancha continuou, mas o rio começou a mudar. A corrente puxava com força. As águas ficaram agitadas.

— Você percebeu isso?! — Mateus gritou.

— Percebi... e não é bom.

A lancha começou a trepidar violentamente.

— Mateus... — disse ela, tensa. — Isso é uma corredeira!

A embarcação sacudiu, jogando água para todos os lados. Mateus se agarrou ao banco, o coração quase saindo pela boca. Segundos pareceram minutos... até que, de repente, o rio se acalmou.

Silêncio. Só o som da água.

O velho abriu os olhos.

— Ué... o que aconteceu?

— O senhor desmaiou! — disse Mateus.

O velho olhou em volta, reconhecendo o lugar.

— Vocês pegaram o atalho perigoso... mas chegaram

rápido.

Pouco depois, encostaram a lancha. Mateus e a moça desembarcaram, exaustos. Subiram um morro íngreme, ofegantes, até que avistaram um terminal rodoviário.

E então...

O ônibus apareceu, entrando devagar na plataforma.

Mateus arregalou os olhos.

— Não... espera... esse é o meu destino final.

Eles se entreolharam, surpresos. Tinham chegado antes do ônibus.

Riram, aliviados.

— No fim das contas — disse ela — nem precisava do ônibus.

— Foi... foi uma bela aventura — respondeu Mateus. Eles ficaram em silêncio por um instante, finalmente com calma.

— A propósito — disse ela, estendendo a mão — eu me chamo Lívia.

Mateus apertou a mão dela, sorrindo.

— Mateus. Prazer... mesmo que atrasado.

E ali, no meio do terminal, os dois souberam que aquela história seria lembrada para sempre como a viagem mais improvável de suas vidas.

Leia o desfecho em:

<https://www.000dlx.com.br/narrativa-de-aventura-pronta-viagem-alucinante.php>